

APRESENTAÇÃO

Quando este estudo foi inicialmente pensado, ele buscava tão somente entender as diferentes dimensões da formação de recursos humanos para pesquisa. A primeira delas era a das relações que se estabelecem entre professores, em geral, e orientadores, em particular, com os estudantes. O conhecimento tácito que é transmitido através destas relações é, sabidamente, da maior importância no processo de formação dos futuros pesquisadores, não apenas em termos da formação disciplinar, de conteúdo, ou paradigmática, mas também com relação aos processos de socialização na ciência - hábitos de trabalho, de publicação, de relacionamento com colegas. Além deles, o estudo partia da hipótese que é também através destas relações que se transmite às novas gerações de pesquisadores visões particulares sobre o que é ciência, para que ela serve, como ela se relaciona com outras esferas da produção humana, tais como a tecnologia, a cultura, etc.

A segunda dimensão da formação de recursos humanos para pesquisa que se procurava explorar era a da política científica. O foco aqui era a compreensão dos esforços realizados pelos governos dos mais diferentes países no sentido de qualificar pessoas para o desempenho de atividades de pesquisa. Não existe praticamente nenhum país que tenha se preocupado em planejar suas atividades de ciência e tecnologia e que não tenha iniciado suas ações através da formação de pesquisadores, porque, evidentemente, sem pesquisadores não pode haver pesquisa. Além desta coincidência bastante óbvia, os planos dos mais diversos países compartilham vários jargões, um dos quais tem sido bastante usado: "a necessidade de formar massa crítica de pesquisadores". Este estudo, então, também se preocupava em explorar o significado deste conceito.

Com relação aos pressupostos teóricos, o estudo se localizava, desde o início, dentro de uma visão social-constructivista da ciência. Ou seja, assumia-se que a formação de recursos humanos ocorre num espaço social particular, em condições específicas e que, portanto, os produtos resultantes são contingentes, no sentido de que incorporam as condições de sua constituição. Tal referencial, evidentemente, exige que o processo a ser analisado tome lugar em situação bastante concreta. Por razões estritamente pessoais, qual sejam, por Adriana ser uruguaia, a escolha recaiu sobre o Uruguai. Daí até a Universidad de la Republica foi um caminho "natural". Desta à concentração nas ciências básicas tratou-se de uma escolha pelos mecanismos formais de formação de recursos humanos em nível de pós-graduação. Daí a escolha de explorarmos nossas questões juntos aos processos e investigadores envolvidos no PEDECIBA.

Assim, no início da pesquisa o PEDECIBA era tão somente um recorte do objeto, isto é, uma maneira de identificar pessoas envolvidas diretamente com as questões e fenômenos que se queria analisar. Como tal ele era bastante conveniente na medida em que homogeneizava o universo - todos os pesquisadores envolvidos passam por um processo de seleção que exige certos requisitos -, selecionava áreas do conhecimento - somente as ciências básicas e naturais - e identificava prontamente aqueles relacionados com a formação de recursos humanos para pesquisa. Além disto, dada a constituição do PEDECIBA em termos de seus recursos humanos, ele

era particularmente apropriado para o estudo dentro do referencial teórico escolhido, na medida em que os pesquisadores envolvidos no programa tiveram experiências internacionais das mais variadas. Nestas circunstâncias, esperava-se que houvesse um “mix” bastante rico em termos de atitudes científicas, visões de ciência, etc, que eles tivessem adquirido nos locais onde foram formados ou onde trabalharam.

De fato, a escolha do PEDECIBA provou-se acertada e os objetivos da pesquisa foram plenamente atingidos, conforme pode se depreender da leitura deste livro. Entretanto, no decorrer da pesquisa algo se modificou. O PEDECIBA não se limitou ao espaço de “referencial amostral” que se tinha inicialmente pensado para ele e ganhou voo próprio. Já no meu primeiro encontro com Adriana no seu retorno do Uruguai depois de ter realizado entrevistas exploratórias com alguns participantes tempranos do programa, eu vi, pelo brilho dos olhos dela, que havia muito mais que ela queria saber e explorar do PEDECIBA. E, conforme ela contava o que sabia, eu também queria mais.

O PEDECIBA mostrou-se um objeto de estudo apaixonante, sobretudo quando visto pelos olhos de uma pesquisadora que não confunde rigor científico com falta de emoções. Acompanhar Adriana nesta descoberta foi uma dupla satisfação: ver o crescimento dela como pesquisadora e ter a oportunidade de aprender sobre a trajetória, a dinâmica e a capacidade de resistência e de mobilização da comunidade científica uruguaia.

Se eu como uma “outsider” senti-me, muitas vezes, participante do processo, imagino como devem se sentir aqueles que o tornaram possível. Deixo-os, agora, para que descubram por si mesmos.

Léa Velho